

ESTRATÉGIAS INFANTIS NA AQUISIÇÃO DA EXPRESSÃO 'ELE MESMO' EM PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

Elaine Grolla (Universidade de São Paulo)

RESUMO

Este estudo investiga a aquisição da forma anafórica 'ele mesmo' em Português Brasileiro. Mais especificamente, estuda-se o comportamento das crianças quando confrontadas com essa forma anafórica e um verbo preferencialmente reflexivo ou preferencialmente recíproco. Dado que estudos anteriores observaram a aquisição tardia da expressão 'ele mesmo' (Grolla 2011), no presente estudo, investiga-se o comportamento das crianças em uma nova tarefa, a fim de detectar padrões de respostas quando esta forma é testada com tipos diferentes de verbos. Os resultados mostram que as crianças, mesmo aos 6 anos, ainda não se comportam como adultos e atribuem a 'ele mesmo' uma interpretação reflexiva ou recíproca de forma aleatória.

PALAVRAS-CHAVE: aquisição de linguagem, anáforas, 'ele mesmo', interpretação reflexiva, interpretação recíproca

ABSTRACT

This study investigates the acquisition of anaphoric form 'ele mesmo' ('him self') in Brazilian Portuguese. More specifically, it studies children's behavior when confronted with this anaphoric form and a reflexive or reciprocal verb. Given that earlier studies observed the late acquisition of 'ele mesmo' (Grolla 2011), in the present study we investigate children's behavior in a new task, in order to detect patterns of answers when 'ele mesmo' is used with different types of verbs. The results show that children, even at 6 years of age, still do not behave as adults and assign to 'ele mesmo' a reflexive or reciprocal interpretation in a random fashion.

KEYWORDS: language acquisition, anaphors, 'ele mesmo', reflexive interpretation, reciprocal interpretation

1. Gostaria de agradecer a Thomas Roeper as discussões sobre a metodologia empregada; à Insa Gülzow a ajuda com as fotografias das crianças; à Karina Bertolino a ajuda com os testes estatísticos e aos pareceristas da revista os comentários e sugestões. Agradecimentos especiais são oferecidos às crianças e professoras (além da diretora e coordenadora) da EMEI Monte Castelo, Butantã, a hospitalidade com que nos receberam. Agradeço à FAPESP o apoio financeiro (processo n. 2007/03624-4).

INTRODUÇÃO

Neste estudo, investiga-se a aquisição de formas anafóricas em Português Brasileiro (PB), com enfoque na forma ‘ele mesmo’. Mais especificamente, estuda-se o comportamento das crianças quando confrontadas com essa forma anafórica e um verbo preferencialmente reflexivo (como ‘pentear’) ou preferencialmente recíproco (como ‘abraçar’). Dado que estudos anteriores indicam uma aquisição tardia da expressão ‘ele mesmo’ (Grolla 2010, 2011), no presente estudo investiga-se o comportamento das crianças em uma nova tarefa, a fim de detectar padrões de respostas quando essa expressão é testada com tipos diferentes de verbos. O objetivo do estudo é verificar se as crianças atribuem à ‘ele mesmo’ uma interpretação reflexiva (como os adultos), ou se se utilizam de uma estratégia pragmática, guiando-se pela semântica do verbo em suas respostas, ou ainda se darão respostas randômicas. Esses dois últimos comportamentos indicariam que as crianças ainda não possuem conhecimento sobre a expressão. A forma ‘se’ também será testada e servirá como controle, a fim de se observar se o comportamento infantil com ‘ele mesmo’ difere ou não do comportamento para ‘se’.

Em um estudo de 2007, Gülzow e Roeper observaram que crianças adquirindo alemão guiam-se pela semântica do verbo quando testadas com a forma *sich selbst*, que é análoga à forma brasileira ‘ele mesmo’. Dada a similaridade sintática e pragmática das formas alemã e brasileira, é possível que as crianças brasileiras apresentem um comportamento semelhante ao das crianças alemãs.

1. A SINTAXE E A SEMÂNTICA DE ‘SE’, ‘ELE’ E ‘ELE MESMO’ EM PORTUGUÊS ADULTO

A forma ‘se’ é tradicionalmente analisada como uma anáfora, no sentido de ser regulada pelo princípio A da Teoria de Ligação (Chomsky 1981: 188), como definido abaixo:

(1) Princípio A

Uma anáfora deve estar ligada em seu domínio de regência².

(2) a. O Pedro_i se_{i/*k} admira.

b. O Pedro_k acha que o João_i se_{i/*k} admira.

c. [O pai do Pedro_k]_i se_{i/*k} admira.

O princípio A exige que a anáfora seja ligada, ou seja, que tenha um antecedente que a c-comande e que seja local. Em (2a), essa exigência é satisfeita, pois ‘Pedro’ está na mesma oração que a anáfora (sendo, portanto, local) e a c-comanda. Note-se que ‘Pedro’ é o único antecedente possível e a anáfora não poderia possuir um antecedente em outra sentença, como o índice k indica. Em (2b), somente João, que se encontra na mesma oração que a anáfora, pode ser seu antecedente. ‘Pedro’, estando na oração matriz, não é local. A sentença só pode ter, portanto, a leitura de que o Pedro acha que o João admira o João. Em (2c), apenas o sintagma nominal ‘o pai do Pedro’ pode atuar como antecedente para a anáfora. ‘Pedro’ não pode ser o antecedente porque não a c-comanda.

2. Domínio de regência é assim definido: o domínio de regência para A é o domínio mínimo contendo A, seu regente e um sujeito/SUJEITO acessível. Sujeito/SUJEITO é assim definido:

(i) Sujeito: NP em [Spec, XP]

(ii) SUJEITO: corresponde a AGR finito.

(iii) Sujeito/SUJEITO acessível: A é um sujeito/SUJEITO acessível para B se a coindexação de A e B não viola nenhum princípio gramatical.

A forma ‘ele’ é tradicionalmente analisada como um pronome, obedecendo ao princípio B da Teoria de Ligação:

(3) Princípio B

Um pronome deve ser livre³ em seu domínio de regência.

- (4)a. Ele_i chegou.
- b. O João_i acha que ele_i é inteligente.
- c. O Paulo_i viu ele_i na TV.
- d. O Paulo_i só pensa nele_i.

Os exemplos em (4) mostram que essa forma pode ser livre, sem um antecedente na mesma oração (como em (4a)), ligada por um antecedente em uma outra oração (como em (4b)) ou ligado na mesma oração (como em (4c/d)). Casos especiais como (4c/d) não violariam o princípio B, já que se pode analisar a sequência [ele na TV] em (4c) ou o PP ‘nele’ em (4d) como domínios de regência distintos daqueles em que o potencial antecedente está inserido⁴.

Além da forma simples ‘ele’, encontra-se em PB a expressão enfática ‘ele mesmo’, que tem uma distribuição diferente do pronome. Em uma primeira inspeção, ‘ele mesmo’ parece ser similar à anáfora ‘se’, já que ambas tem um significado reflexivo e podem ser localmente ligadas, como mostrado em (5a) e (5b). Além disso, as duas formas não podem ser usadas deiticamente, como em (5c) e (5d):

- (5)a. O Pedro_i arranhou ele_i mesmo.
- b. O Pedro_i se_i arranhou.
- c. * Dei um livro pra ele_i, ele_k e ele_m mesmo. (com gesto dêitico)
- d. * Dei um livro pra ele_i, ele_k e se_m. (com gesto dêitico)

No entanto, ‘ele mesmo’ apresenta uma distribuição mais ampla do que a anáfora ‘se’, podendo ter um antecedente que não o c-comanda (mas que está na mesma oração (6a)) ou ainda não possuir um antecedente na mesma sentença (6b):

- (6) a. A formação dos jovens_i é primordial não só para eles_i mesmos, mas também para o futuro econômico, social e cultural do país.
(adaptado de Zribi-Hertz 1990, p. 108, ex. 33)
- b. Ele_i sentou na escrivaninha e abriu as gavetas. Na gaveta da direita tinha um envelope endereçado a ele_i mesmo.
(adaptado de Zribi-Hertz 1989, p. 716, ex. 65)

Zribi-Hertz (1990), analisando a expressão ‘lui-même’ (ele mesmo) do francês, propõe que sua distribuição não é regulada por princípios sintáticos, mas sim por princípios de natureza semântico/pragmática. Os exemplos abaixo ilustram essa questão e mostram que o mesmo contraste é encontrado em PB:⁵

3. ‘Livre’ significa ‘não ligado’.

4. Cf., Chomsky (1986) para uma discussão sobre casos como esse em inglês.

5. Ver Grolla (2010), (2011) para uma discussão sobre os dados do PB.

- (7) a. Pierrei a honte de luii-même/luii. (Francês)
Pedro tem vergonha de ele mesmo/ele
 b. Pedroi tem vergonha delei mesmo/delei. (PB)
- (8) a. Pierrei bavarde avec luii-même/*luii. (Francês)
Pedro conversa com ele mesmo/ele
 b. Pedroi conversa com elei mesmo/*elei. (PB)

Zribi-Hertz observa que coreferência entre os argumentos do predicado em (7) ‘ter vergonha de’ é natural, ao contrário do predicado em (8) ‘conversar com’. A semântica do predicado em (8) sugere uma disjunção referencial entre os seus argumentos e somente a forma enfática (com ‘mesmo’) é aceitável. A forma neutra, sem o ‘mesmo’, seria inaceitável nesse contexto. Como a semântica do predicado em (7) não sugere essa disjunção referencial, a forma neutra é aceitável.

Esse contraste sugere que a função da forma ‘mesmo’, quando adjungida ao pronome, é a de tornar explícito o fato de que o índice referencial do pronome em função de objeto direto é marcado, sendo o mesmo do sujeito. Quando essa coreferência entre os argumentos de um predicado não for esperada, como é o caso com verbos como ‘conversar com’, ‘cumprimentar’, ‘dar um soco em’, etc, o uso do ‘mesmo’ auxilia a marcar o inesperado. Os dados do PB sugerem que ‘ele mesmo’, da mesma forma que ‘lui-même’, é regulado por princípios semântico/pragmáticos e não por princípios sintáticos, como os da teoria de ligação.

No entanto, ‘ele mesmo’ também pode ter outro comportamento. Em alguns contextos, ‘ele mesmo’ obedece a uma restrição de logoforicidade. Isto é, nesses contextos, a sentença traz os pensamentos ou sentimentos de um antecedente que é o sujeito de consciência da sentença. Zribi-Hertz (1989) observa que quando ‘lui-même’ é logofórico, seu antecedente deve ser interpretado no discurso como o sujeito de consciência. Nesse caso, a expressão não necessariamente obedece às restrições de focalização discutidas acima. Os dados abaixo ilustram esse ponto e mostram que a expressão ‘ele mesmo’ é semelhante à ‘lui-même’ (adaptados do francês, Zribi-Hertz 1990: 109, ex. (40)):

- (9)a. * Essa pobre coitada_i, o João ama todo mundo menos ela_i mesma.
 b. Essa pobre coitada_i está convencida de que o João ama todo mundo menos ela_i mesma.

(9a) é uma estrutura de tópico-comentário na qual o antecedente de ‘ela mesma’ não é o sujeito de consciência da sentença. São os sentimentos do João que são expressos, sendo ele, portanto, o sujeito de consciência da sentença. Assim, somente ‘João’ poderia ser o antecedente de ‘ele mesmo’. Já em (9b), ‘essa pobre coitada’ é o sujeito de consciência da sentença e o antecedente para ‘ela mesma’. Nesse caso, ‘ela mesma’ é possível.

Outro uso de ‘ele mesmo’ pode ser observado em estruturas com foco contrastivo. ‘Ele mesmo’, assim como a contraparte francesa ‘lui-même’, são licenciados quando carregam acento primário e são semanticamente foco contrastivo:

- (10) A: O que a Maria descobriu sobre o João?
 B: Que ele é mais ALTO que ela (*mesma). [foco no predicado]
- (11) A: A Maria pôs o livro atrás dela?
 B: Não, ela pôs DO LADO dela (*mesma). [foco contrastivo na preposição]
- (12) A: A Maria pôs o livro atrás do João?
 B: Não, ela pôs atrás DELA mesma. [foco contrastivo no pronome]

Se o foco recai sobre o pronome, ‘ele mesmo’ é possível. No entanto, se ele recai sobre o predicado ou sobre a preposição, ‘ele mesmo’ não é possível. Nesses casos, somente o pronome, sem ‘mesmo’, é possível.

Essa breve exposição indica que, de modo análogo à expressão francesa ‘lui-même’, ‘ele mesmo’, não pode ser usado deiticamente, além disso, essa expressão pode ser ligada localmente, não localmente ou ser livre em sua oração (mas deve ser ligada no discurso). Ela pode apresentar um antecedente inesperado ou um antecedente logofórico e, em casos de foco, este deve recair sobre o pronome.

No que se segue, não se tratará dos usos logofórico e de foco contrastivo de ‘ele mesmo’, mas apenas dos casos em que ‘ele mesmo’ é uma forma intensificadora. Assumir-se-á, que, nesses casos, essa expressão é usada em contextos específicos, como aqueles que envolvem proeminência ou imprevisibilidade. Sendo um tipo de forma intensiva, ela é apropriada quando ênfase está, de alguma forma, envolvida.⁶

2. ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A AQUISIÇÃO DE FORMAS ANAFÓRICAS

Diversos estudos já foram conduzidos em diversas línguas sobre a aquisição de elementos anafóricos simples, como ‘se’, e complexos morfologicamente, como ‘ele mesmo’. Jakubowicz (1994) investigou a aquisição de ‘se’ e ‘lui-même’ em francês e de ‘sig’ (*se/ele*) e ‘sig selv’ (*se*) em dinamarquês. Para o francês, a autora constatou que o ‘se’ é adquirido aos 3 anos de idade. As crianças produzem e compreendem tal forma com altas taxas de acertos. Já a forma ‘lui-même’ é adquirida tardiamente. Aos 5;11, as crianças apresentam apenas 5% de produção correta dessa forma e 58% de acertos nos testes de compreensão. Em dinamarquês, a forma ‘sig selv’ é regulada pelo princípio A e ‘sig’ pode ser tanto localmente ligado, como ligado à longa distância. Tanto ‘sig selv’ quanto ‘sig’ local são adquiridos cedo (por volta de 3 anos). No entanto, a forma ‘sig’ ligada a longa distância é adquirida bem tarde, com baixas taxas de acertos mesmo para as crianças de 9 anos de idade.

Gülzow e Roeper (2007) investigaram a aquisição de ‘sich selbst’ (*ele mesmo*) em alemão em uma tarefa de seleção de figuras. Os verbos eram de dois tipos: reflexivos (‘rasieren’ *barbear*, ‘anziehen’

6. Baker (1995) propõe que expressões intensivas (‘intensive expressions’), como ‘lui-même’ e ‘himself’ (quando não ligado localmente), obedecem às seguintes restrições discursivas:

(i) Contrastiveness Condition (Baker, 1995, p. 77)

Intensives are appropriate only in contexts in which emphasis or contrast is desired.

(ii) Condition of Relative Discourse Prominence (Baker, 1995, p. 80)

Intensives can only be used to mark a character in a sentence or discourse who is relatively more prominent or central than other characters.

Os casos discutidos no texto sugerem que ‘ele mesmo’ também obedece a essas restrições. No entanto, nos casos em que ‘ele mesmo’ obedece às restrições de logoforicidade ou de foco contrastivo (discutidas no texto), não há ênfase e tais restrições de proeminência não se aplicariam.

vestir, e ‘waschen’ *lavar*) e recíprocos (‘küssen’ *beijar*, ‘umarmen’ *abraçar*, e ‘berühren’ *tocar*). Tais verbos eram pareados com a anáfora ‘sich’ *se* e com ‘sich selbst’ *ele mesmo*.⁷

Gülzow e Roeper (2007) analisam o ‘sich selbst’ como uma combinação de reflexivo com intensificador, que é sempre interpretado como um reflexivo individual distributivo e que pode ser usado para marcar uma ação inesperada, como em ‘Sie küssen sich selbst’ (*elas beijaram elas mesmas*), em que o verbo favoreceria uma leitura de evento recíproco, mas a anáfora indica uma ação reflexiva. Os resultados mostram que as interpretações das crianças para sentenças nas quais a semântica do verbo está em conflito com os marcadores gramaticais forçam uma leitura ‘anti-pragmática’, em que as crianças se baseiam na semântica do verbo e não no fato de que itens gramaticais podem ser aplicados independentemente. Os autores reportam que 100% dos adultos interpretaram a sentença ‘Zeig mir, wo sie sich selbst anziehen’ (*Diga-me onde [em qual figura] eles estão vestindo eles mesmos*) como reflexiva. Enquanto a maioria das crianças também corretamente identificou a figura reflexiva, isso nunca foi mais do que 76% das crianças e, em alguns grupos, menos crianças identificaram a figura reflexiva no caso de ‘sich selbst anziehen’ (*vestir ele mesmo*) do que nos casos de ‘sich anziehen’ (*se vestir*) (que é ambíguo entre a leitura reflexiva e a recíproca). Em geral, as crianças alemãs se guiaram pela semântica do verbo ao escolher as figuras quando a sentença possuía ‘sich selbst’, indicando que ainda não possuem conhecimento sobre ela.

Grolla (2010/2011) estudou a aquisição das formas ‘se’ e ‘ele mesmo’ em uma tarefa de encenação em que as 18 crianças entrevistadas deveriam agir de acordo com o que o fantoche ordenasse (a brincadeira conhecida como ‘o mestre mandou’). Sentenças do tipo ‘o fantoche mandou (nome da criança) coçar ele mesmo’/ ‘o fantoche mandou (nome da criança) se cheirar’ eram ditas às crianças. As crianças tinham entre 4 e 4;11 de idade e apresentaram um comportamento adulto com relação a ‘se’, realizando a ação descrita nelas mesmas perto de 80% das vezes. No entanto, para ‘ele mesmo’, a taxa de acertos é de 65% apenas, indicando que essa forma não está ainda completamente adquirida aos 4 anos.

Estudos nas mais diversas línguas (Chien & Wexler (1990), McDaniel, Cairns & Hsu (1990), McDaniel & Maxfield (1992), Grodzinsky & Kave (1993/1994), Zukowski, McKeown & Larren (2008), dentre outros) apontam para a mesma direção. Em geral, aos 4 anos de idade, as crianças já mostram conhecimento sobre as formas simples, sujeitas ao princípio A em muitas línguas. O que parece demorar mais tempo é a aquisição de formas mais específicas, como o ‘lui-même’ do francês, o ‘sig’ não local do dinamarquês, o ‘sich selbst’ do alemão ou o ‘ele mesmo’ do PB. Em todos esses casos em que aquisição tardia é detectada, as formas anafóricas envolvem restrições pragmáticas, sugerindo aí uma razão para tal atraso de desenvolvimento.

3. ‘SE’ E ‘ELE MESMO’ EM CONTEXTOS REFLEXIVOS E RECÍPROCOS

Tendo essas considerações como pano de fundo, consideram-se nesta seção as questões relacionadas à aquisição de ‘se’ e ‘ele mesmo’ em PB. Primeiramente, a aquisição de ‘se’ e ‘ele’ envolve categorizá-los corretamente como anáfora e pronome, respectivamente. Além disso, as crianças têm de aprender que ‘se’ pode ser tanto reflexivo quanto recíproco. Esse aspecto da aquisição de ‘se’ parece acontecer relativamente cedo, já que as crianças mostram conhecimento sobre isso em tenra idade.⁸ Já para

7. Os autores também testaram a forma ‘einander’ (um ao outro). No entanto, dado que não se discutirá o correlato de ‘einander’ em PB, os resultados sobre a aquisição dessa forma não serão discutidos no texto.

8. Ver Grolla (2012) sobre a aquisição do Princípio A da teoria de ligação em PB e Bertolino e Grolla (neste volume) sobre a aquisição do Princípio B em PB.

a expressão ‘ele mesmo’, a aquisição envolveria outros passos. A criança tem de aprender a forma ‘mesmo’, que é usada não só na expressão ‘ele mesmo’, mas também em outros contextos.⁹ Ela tem de perceber de alguma forma que, quando adjungida ao pronome, forma-se uma expressão reflexiva, que é usada em contextos pragmaticamente especiais, como os descritos acima. Por conta desses aspectos relacionados à pragmática da expressão, a hipótese formulada é que as crianças mostrarão conhecimento sobre ‘se’ desde cedo, mas demorarão mais tempo para mostrar conhecimento sobre ‘ele mesmo’.

Para testar tal hipótese, apresentaram-se às crianças as formas ‘se’ e ‘ele mesmo’ acompanhadas de dois tipos de verbos: aqueles que favorecem uma ação reflexiva e aqueles que favorecem uma ação recíproca. Os primeiros serão chamados de ‘reflexivos’ e os segundos de ‘recíprocos’, sendo que esses rótulos são apenas para facilitar sua menção. Nos dois casos, é possível que os verbos aqui chamados ‘reflexivos’ possam ser realizados em ações recíprocas e vice-versa.

A apresentação das ações se deu por meio de fotos de crianças realizando ações reflexivas e recíprocas, como detalhado abaixo. Nessas fotos, a forma ‘se’ é ambígua, podendo ser tanto associada à ação reflexiva quanto à ação recíproca. Já a expressão ‘ele mesmo’ pode apenas ser relacionada à forma reflexiva.¹⁰

A razão para incluir os dois tipos de verbos (reflexivos e recíprocos) é comparar as respostas dadas a ‘se’ e ‘ele mesmo’ e verificar se o tipo de verbo (preferencialmente reflexivo ou recíproco) seria relevante para a criança ao fazer suas escolhas. Primeiramente, quer-se checar se as crianças se sairão igualmente bem com as duas formas anafóricas. Caso isso não ocorra, verificar-se-á que estratégias as crianças de cada grupo etário utilizarão ao escolher as figuras. Uma primeira possibilidade é que elas considerarão a semântica do verbo ao escolher a figura, como as crianças no estudo de Gülzow e Roeper (2007). Ou seja, elas escolherão as fotos com ações reflexivas mais frequentemente quando ouvirem verbos que favorecem ações reflexivas (‘vestir’ e ‘pentear’) e escolherão as fotos com ações recíprocas mais frequentemente quando ouvirem verbos que favorecem ações recíprocas (‘beijar’ e ‘abraçar’), independentemente das formas anafóricas utilizadas. Por exemplo, dado um verbo preferencialmente recíproco pareado com ‘ele mesmo’, a criança escolheria a figura recíproca, por se basear na semântica do verbo, que ela já conhece, em detrimento da forma anafórica, que é ainda desconhecida para ela. Essa estratégia indicaria que o fator determinante na escolha não é a forma anafórica ouvida (*se vs. elas mesmas*), mas o tipo de verbo (preferencialmente reflexivo ou recíproco).

9. ‘Mesmo’ pode ser utilizado como adjetivo (i) e, nesse caso, apresenta concordância de gênero e número com o substantivo que modifica. Ele também pode estar adjungido ao pronome como sujeito da sentença (ii), como adjunto adnominal (iii) e como focalizador (iv/v). Nesse último caso, não há concordância de gênero e número:

(i) Eu comprei a mesma roupa que você.

(ii) A Joana viajou. Ela mesma fez as malas.

(iii) O João, ele mesmo, lava a louça do jantar.

(iv) A Maria gosta mesmo do João.

(v) A blusa que você comprou é linda mesmo.

10. A forma utilizada nos testes, ‘elas mesmas’ (ver nota 11), poderia, em princípio, ser usada também em contextos recíprocos. No entanto, para que isso fosse possível nos experimentos, seria necessário apresentar histórias com contextos diferentes dos que foram apresentados. Um exemplo de como isso poderia ser feito: cria-se a expectativa de que as meninas beijarão os meninos. No entanto, por alguma razão, elas agem de forma inesperada e beijam umas às outras ao invés disso. Nesse caso, poder-se-ia dizer que as meninas estão beijando elas mesmas (ao invés de beijar os meninos). A ação recíproca inesperada de beijarem umas às outras pode então ser expressa pelo uso do ‘elas mesmas’.

Acredita-se que esse é um contexto em que a leitura não reflexiva para o ‘ele mesmo’ é natural. No entanto, como não é esse o tipo de contexto das histórias apresentadas às crianças no experimento reportado aqui, apenas a leitura reflexiva era possível. Isso é confirmado pelos resultados dos adultos, que escolheram a ação reflexiva para essa expressão em 100% das vezes.

Outra possibilidade é que elas considerarão a expressão anafórica ao escolher a figura. No caso de ‘ele mesmo’, isto implicará em escolher sempre a figura com ação reflexiva, mesmo que o verbo seja recíproco. Já no caso de ‘se’, que pode ter tanto a interpretação reflexiva quanto a recíproca, a escolha seria livre. Este padrão de respostas adultas indicará que a criança já possui conhecimento sobre as duas formas. Finalmente, tem-se a possibilidade de elas responderem de forma aleatória, ora escolhendo figuras com ação reflexiva ora escolhendo figuras com ação recíproca, sem relação alguma com o verbo ou a forma anafórica ouvida. Nesse caso, ter-se-á evidência de que as crianças ainda não dominam as formas anafóricas testadas e respondem aleatoriamente como estratégia para lidar com aquilo que não conhecem.

Sujeitos. 63 crianças, entre 3;11 e 6;11 anos de idade, adquirindo o PB como língua materna, foram entrevistadas. Os grupos etários estão assim divididos:

- G1: 20 crianças entre 3;11 e 4;11 anos de idade,
- G2: 20 crianças entre 5;0 e 5;11 anos, e
- G3: 23 crianças entre 6;0 e 6;11 anos.

As crianças eram alunas da EMEI Monte Castelo, no Butantã, na capital paulista. 10 adultos também foram testados.

Materiais. Foram usados quatro verbos: dois preferencialmente reflexivos (‘pentear’ e ‘vestir’) e dois preferencialmente recíprocos (‘beijar’ e ‘abraçar’). As condições testadas são dadas abaixo:

- (13) Elas mesmas¹¹: somente leitura reflexiva
 - V recípr + EM: As meninas estão abraçando/beijando elas mesmas.
 - V refl + EM: As meninas estão penteando/vestindo elas mesmas.
- (14) Se: reflexivo ou recíproco
 - V recípr + se: As meninas estão se abraçando/beijando.
 - V refl + se: As meninas estão se penteando/vestindo.

Método. O método utilizado foi a tarefa de seleção de figuras, como usado por Gülzow e Roeper (2007). O teste consiste em mostrar duas fotos de cada vez para as crianças e pedir para elas escolherem qual foto corresponde ao que ouviram. Cada uma das fotos possui duas meninas. Em uma das fotos, elas realizam a ação reflexiva e na outra, a ação recíproca. Por exemplo, ao ouvir “as meninas estão abraçando elas mesmas”, duas fotos são mostradas simultaneamente: uma com duas meninas abraçando uma a outra (ação recíproca) e outra com cada menina se abraçando sozinha (ação reflexiva). As crianças tem que escolher qual das fotos corresponde ao que ouviram, apontando para a escolhida.

Essas duas fotos são mostradas duas vezes às crianças. Uma vez ela é acompanhada pela sentença com a forma reflexiva (as meninas estão abraçando elas mesmas) e na outra é acompanhada pela sentença com a anáfora (as meninas estão se abraçando).

11. Escolheu-se a forma no feminino plural, ‘elas mesmas’, para evitar possíveis ambiguidades. Considere a sentença:

(i) Os meninos estão abraçando eles mesmos.

A depender de como a palavra no final da sentença é pronunciada (sem atenção à marcação de plural em ‘mesmos’), ‘mesmo’ poderia ser entendido como uma forma de ênfase no verbo: “os meninos estão abraçando eles mesmo” (cf., os meninos estão mesmo abraçando eles). Nesse caso, não se tem uma forma reflexiva, mas o verbo enfatizado. Para evitar esse potencial problema, todas as condições possuem sujeitos femininos e a forma ‘elas mesmas’.

As fotos foram coladas em papel cartão e plastificadas e criou-se um livro com todos os pares de figuras. A posição das fotos na folha de papel era aleatória: a imagem com a resposta correta ora aparecia à direita, ora à esquerda. As sentenças foram apresentadas em ordem randômica e, intercaladas entre elas, inseriram-se sentenças distratoras, para desviar a atenção da criança da construção em estudo. O estudo possuía no total 8 sentenças teste e 8 sentenças distratoras.

Antes de aplicar o teste, as pesquisadoras explicavam a ‘brincadeira’ para as crianças, mostrando figuras e proferindo sentenças que não continham anáforas ou pronomes e pedindo para elas escolherem as figuras correspondentes. Quando se percebia que a criança havia entendido a tarefa, passava-se para o teste propriamente dito. Três crianças não responderam corretamente às distratoras. Suas respostas foram, portanto, excluídas da análise dos resultados. Todas estavam na faixa dos 5 anos. Após a exclusão dessas crianças, restaram as 20 mencionadas acima para o G2.

Resultados. Na tabela abaixo, podem-se observar as frequências de respostas para cada faixa etária.

Faixas estarias	‘Se’	‘Ele Mesmo’
G1 (4 anos)	66,25%	41,25%
G2 (5 anos)	80%	65%
G3 (6 anos)	79,35%	50%
Adultos	82,85%	100%

Tabela 1: Taxas de comportamento adulto para ‘se’ e ‘ele mesmo’

A coluna ‘se’ indica as respostas para essa anáfora que levaram em conta a semântica do verbo. São casos em que, ao ouvir uma sentença com ‘se’ + verbo reflexivo, houve escolha pela figura com ação reflexiva. Ao ouvir ‘se’ + verbo recíproco, houve escolha pela figura com a ação recíproca. Na coluna ‘ele mesmo’, reportam-se os casos de escolhas de ações reflexivas.

Os 10 adultos testados escolheram, em 100% das vezes, ações reflexivas com a expressão ‘ele mesmo’, não importando se o verbo era reflexivo ou recíproco. Com ‘se’, o comportamento foi diferente: as ações reflexivas foram escolhidas mais frequentemente com verbos reflexivos e ações recíprocas foram escolhidas mais frequentemente com verbos recíprocos. Isto é, os adultos consideram a semântica do verbo quando a forma é ambígua (‘se’). Quando ela não é ambígua (caso do ‘ele mesmo’), os adultos escolhem a ação em função da expressão.

Com relação aos dados infantis, três hipóteses foram testadas. A primeira delas diz respeito à taxa de sucesso comparando-se, para cada faixa etária, as duas colunas da tabela 1, a fim de observar se as crianças foram melhores com ‘se’ ou com ‘ele mesmo’. Por exemplo, tomando-se as crianças do G1, analisou-se se a diferença de 66,25% (‘se’) para 41,25% (‘ele mesmo’) é estatisticamente significativa.

A segunda hipótese testada é com relação ao tipo de verbo. Foi observado que, para a condição ‘V refl + se’, os adultos escolhem majoritariamente ações reflexivas. Para a condição ‘V recípr + se’, eles escolhem ações recíprocas. Fez-se a análise para checar se o mesmo ocorre com as crianças. A mesma comparação foi feita com relação a ‘ele mesmo’. Neste caso, o tipo de verbo não deve guiar a escolha das crianças, já que ‘ele mesmo’ é sempre reflexivo, independentemente do verbo utilizado.

Por fim, a taxa de acertos para ‘ele mesmo’ foi analisada em função do verbo: foi checado se as crianças fornecem respostas reflexivas tanto para verbos reflexivos quanto recíprocos como os adultos ou não. Lembrando que a primeira hipótese analisada é sobre o comportamento das crianças com ‘se’ comparativamente a ‘ele mesmo’, quer-se saber se as crianças tiveram comportamentos iguais com as duas formas, ou seja, se elas foram igualmente bem nas duas ou se houve alguma forma em que elas obtiveram mais sucesso. Considera-se como hipótese nula (H_0) resultados iguais diante de ‘se’ e ‘ele mesmo’ e como hipótese alternativa (H_1) resultados diferentes diante de ‘se’ e ‘ele mesmo’. Para o grupo de crianças de 4 anos (G1), observa-se que escolheram, em 66,25% das vezes, figuras de acordo com o verbo quando a forma era ‘se’. Diante de ‘ele mesmo’, escolheram figuras reflexivas (de acordo com a anáfora, portanto) em apenas 41,25% das vezes. O teste de Wilcoxon (amostras pareadas) fornece: $V = 36$, $p = 0.02827$. Isso indica que as crianças de 4 anos tiveram um comportamento diferente diante de ‘se’ e ‘ele mesmo’, saindo-se um pouco melhor com ‘se’ do que com ‘ele mesmo’. Não há evidência de que elas tendem a escolher as figuras de acordo com a anáfora ‘ele mesmo’. Para as crianças de 5 anos, tem-se que elas escolheram em 80% das vezes figuras de acordo com o verbo diante de ‘se’. Diante de ‘ele mesmo’, elas escolheram figuras reflexivas em apenas 65% das vezes. O teste de Wilcoxon (amostras pareadas) fornece: $V = 16$, $p = 0.03476$, o que implica que as crianças tiveram um comportamento diferente diante de ‘se’ e ‘ele mesmo’, saindo-se melhor com ‘se’ e não há evidência de que elas tendem a escolher as figuras de acordo com a anáfora ‘ele mesmo’. Para as crianças de 6 anos, a tabela 1 mostra que elas escolheram, em 79,35% das vezes, figuras de acordo com o verbo diante de ‘se’. Diante de ‘ele mesmo’, elas escolheram em apenas 50% das vezes as figuras reflexivas. O teste de Wilcoxon (amostras pareadas) fornece: $V = 41.5$, $p = 0.005351$. Ou seja, as crianças de 6 anos tiveram um comportamento diferente diante de ‘se’ e ‘ele mesmo’. De modo análogo ao G2, as crianças do G3 se saem melhor com ‘se’. Também não há evidência de que elas tendem a escolher a figura de acordo com a anáfora ‘ele mesmo’, dado que o grupo se portou de modo aleatório.

A segunda hipótese testada avalia se a taxa de acertos para a condição ‘V refl + se’ é semelhante à taxa de acertos para ‘V recípr + se’ ou se as crianças se saíram melhor com um tipo específico de verbo. O mesmo foi feito com relação às condições com ‘ele mesmo’.

As taxas de escolhas para as condições com ‘se’ estão dispostas abaixo (nas tabelas a seguir, células sombreadas indicam comportamento adulto):

G1 (4 anos)	Ação reflexiva	Ação recíproca
V refl + se	47,5%	52,5%
V recípr + se	17,5%	82,5%

Tabela 2: Taxa de escolha de figuras por tipo de verbo – ‘se’ (G1, 4 anos)

O teste de Wilcoxon (bilateral) fornece $V = 19$, $p\text{-value} = 0.0009674$, indicando que a diferença nas taxas de comportamento adulto para ‘V refl + se’ e para ‘V recípr + se’ é estatisticamente significativa. Ou seja, as crianças de 4 anos se saíram melhor com verbos recíprocos. A mesma indagação pode ser feita quanto à ‘ele mesmo’. Na tabela abaixo, reporta-se as taxas de escolhas para cada condição:

G1 (4 anos)	Ação reflexiva	Ação recíproca
V refl + EM	50%	50%
V recípr + EM	32,5%	67,5%

Tabela 3: Taxa de escolha de figuras por tipo de verbo – ‘ele mesmo’ (G1, 4 anos)

O teste de Wilcoxon bilateral retorna $V = 108$, $p\text{-value} = 0.08956$, sugerindo que as crianças de 4 anos foram igualmente mal, tanto com verbos reflexivos quanto com verbos recíprocos, uma vez que a única resposta possível para essas condições era a escolha pela figura com ação reflexiva.

As taxas de escolhas para cada condição com ‘se’ para o G2 (crianças de 5 anos) são mostradas abaixo:

G2 (5 anos)	Ação reflexiva	Ação recíproca	Ambas
V refl + se	75%	25%	
V recípr + se	15%	82,5%	2,5%

Tabela 4: Taxa de escolha de figuras por tipo de verbo – ‘se’ (G2, 5 anos)

O teste de Wilcoxon (bilateral) fornece $V = 35$, $p\text{-value} = 0.4054$, indicando que as crianças dessa faixa etária foram igualmente bem nos dois casos, já que elas escolheram majoritariamente a ação reflexiva para a condição ‘V refl + se’ e majoritariamente a ação recíproca para a condição ‘V recípr + se’.

Para ‘ele mesmo’, tem-se as taxas abaixo de escolhas para cada condição:

G2 (5 anos)	Ação reflexiva	Ação recíproca
V refl + EM	77,5%	22,5%
V recípr + EM	57,5%	42,5%

Tabela 5: Taxa de escolha de figuras por tipo de verbo – ‘ele mesmo’ (G2, 5 anos)

O teste de Wilcoxon bilateral retorna $V = 102$, $p\text{-value} = 0.0455$, sugerindo que as crianças de 5 anos se saíram pior na condição ‘V recípr + EM’ do que na condição ‘V refl + EM’. No entanto, deve ser observado que, nessa condição, tanto a anáfora quanto o verbo facilitam a escolha pela ação reflexiva.

Analisando em seguida os dados das crianças do G3 (6 anos), tem-se as taxas de escolhas para cada condição com ‘se’ abaixo:

G3 (6 anos)	Ação reflexiva	Ação recíproca	Ambas
V refl + se	69,6%	23,9%	6,5%
V recípr + se	15,2%	84,8%	

Tabela 6: Taxa de escolha de figuras por tipo de verbo – ‘se’ (G3, 6 anos)

O teste de Wilcoxon (bilateral) fornece $V = 130$, $p\text{-value} = 0.1083$, indicando que as crianças dessa faixa etária foram igualmente bem nos dois casos, já que elas escolheram majoritariamente a ação reflexiva para a condição ‘V refl + se’ e a ação recíproca para a condição ‘V recípr + se’.

Para ‘ele mesmo’, tem-se as taxas abaixo de escolhas para cada condição:

G3 (6 anos)	Ação reflexiva	Ação recíproca
V refl + EM	54,3%	45,7%
V recípr + EM	47,8%	52,2%

Tabela 7: Taxa de escolha de figuras por tipo de verbo – ‘ele mesmo’ (G3, 6 anos)

O teste de Wilcoxon bilateral retorna $V = 48$, $p\text{-value} = 0.4386$, sugerindo que as crianças de 6 anos se saíram igualmente mal nas duas condições, como as taxas perto de 50% indicam.

A terceira e última hipótese testada questiona se as crianças se guiaram pela semântica do verbo ou pela anáfora para escolher as figuras. Se elas se guiaram pela semântica do verbo, devem-se ter respostas pareadas: perguntas com verbos reflexivos apresentarão respostas com a escolha de ação reflexiva. De modo análogo, perguntas com verbos recíprocos apresentarão respostas com a escolha de ação recíproca, independentemente da anáfora presente na pergunta. Já se as crianças se guiaram pela forma anafórica, elas escolherão, para ‘ele mesmo’, sempre as ações reflexivas. Dado que ‘se’ é ambíguo entre a interpretação reflexiva e a recíproca, não se podem considerar as respostas de ‘se’ para testar essa hipótese. No caso de ‘V refl + EM’, **não se pode saber se a criança** considerou o verbo ou a anáfora, já que ambas levam à figura com ação reflexiva. Portanto, no que se segue, consideraram-se apenas as respostas fornecidas para ‘V recípr + EM’. O que é testado a seguir é a proporção em que os dois comportamentos abaixo ocorreram:

- Escolha da ação reflexiva para a condição ‘V recípr + EM’ (escolha de acordo com a anáfora – comportamento adulto);
- Escolha da ação recíproca para a condição ‘V recípr + EM’ (escolha de acordo com o verbo – comportamento não adulto).

As taxas de escolha de ação recíproca para ‘V recípr + EM’ foram de 67,5% para o G1 (tabela 3), 42,5% para o G2 (tabela 5) e de 52,17% para o G3 (tabela 7).

Para G1 (4 anos), o teste de Wilcoxon retorna $V = 70$, $p\text{-value} = 0.0261$. Ou seja, as crianças se guiaram pelo verbo para fazer a escolha. Para G2 (5 anos), o teste retorna $V = 90$, $p\text{-value} = 0.5907$, o que sugere que elas olharam tanto para a anáfora como para o verbo em suas escolhas. Finalmente, o G3 (6 anos) apresenta $V = 68$, $p\text{-value} = 0.5$, o que indica que elas se guiaram tanto pela anáfora quanto pelo verbo, como as crianças do G2.

Em suma, as crianças de 4 anos se guiaram mais pelo verbo para fazer suas escolhas (67,5%) e essa proporção é estatisticamente relevante. Já as crianças de 5 e 6 anos deram respostas randômicas (42,5% e 52,17% respectivamente), ora escolhendo a ação reflexiva ora a ação recíproca. O que se nota é que a estratégia utilizada aos 4 anos, de considerar o verbo ao invés da expressão ‘ele mesmo’ para escolher a figura, é abandonada aos 5 anos para possivelmente começar a se considerar a anáfora, mas as crianças ainda não fazem isso 100% das vezes: ora olham para o verbo, ora olham para a anáfora.

Um quadro resumo com os principais resultados discutidos acima pode ser visualizado abaixo:

Testes	Condições	G1 (4 anos)	G2 (5 anos)	G3 (6 anos)
I: As crianças forneceram respostas adultas para ‘se’ e ‘EM’?	Se	66,25%	80%	79,35%
	EM	49,25% (Melhor com ‘se’)	65% (Melhor com ‘se’)	50% (Melhor com ‘se’)
II: As crianças se saíram melhor com verbos reflexivos ou com verbos recíprocos?	V refl + se: ação refl	47,5%	75%	69,56%
	V recípr + se: ação recípr	82,5% (Melhor com recípr)	82,5% (Igualmente bem)	84,78% (Igualmente bem)
	V refl + EM: ação refl	50%	77,5%	54,34%
	V recípr + EM: ação refl	32,5% (Mal nos 2)	57,5% (Melhor com V refl)	47,82% (Mal nos 2)
III: O verbo influenciou a escolha da figura?	V recípr + EM: ação recípr	67,5% (Escolha guiada pelo V)	42,5% (Respostas aleatórias)	52,1% (Respostas aleatórias)

Discussão. Em geral, as crianças de todas as faixas etárias se saem melhor com ‘se’ do que com ‘ele mesmo’. Observa-se que, com relação a ‘se’, as crianças de 5 e 6 anos já apresentam um comportamento próximo do adulto, escolhendo as figuras de acordo com o verbo. No caso de ‘ele mesmo’, nenhuma faixa etária apresentou comportamento próximo do adulto; mesmo as crianças de 6 anos tem uma baixa taxa de acertos.

Quando se considera as taxas de acertos para as condições ‘V refl + se’ e ‘V recípr + se’, vê-se que as crianças de 5 e 6 anos vão igualmente bem nos dois casos. Já as crianças de 4 anos se saem melhor com os verbos recíprocos. No caso de ‘V refl + ele mesmo’ e ‘V recípr + ele mesmo’, as crianças de 4 e 6 anos apresentam baixas taxas de acertos em ambas as condições. Já as crianças de 5 anos apresentam um melhor desempenho com verbos reflexivos.

Considerando ‘ele mesmo’ e a semântica dos verbos, obteve-se que as crianças de 4 anos se guiaram mais pelo verbo para escolher as figuras, ao passo que as crianças de 5 e 6 anos deram respostas aleatórias.

Ou seja, quando se observam os resultados para ‘se’, em geral as crianças se saem bem. No entanto, para ‘ele mesmo’, tais resultados em conjunto indicam que as crianças, mesmo aos 6 anos, ainda não mostram domínio sobre tal expressão. Poder-se-ia supor que as crianças aos 6 anos já mostrariam alguma taxa de acertos para o ‘ele mesmo’ mais próxima da do adulto. Isto indicaria algum caminho no desenvolvimento desta forma, de modo a mostrar que as crianças de 4 anos estariam ainda no início do processo e as de 6 anos mais próximas de completá-lo. Uma indicação de que há um percurso em andamento é a mudança de comportamento entre as crianças de 4 anos de um lado e as de 5 e 6 de outro. A estratégia utilizada aos 4 anos, de considerar o verbo ao invés da expressão ‘ele mesmo’ para escolher a figura, é abandonada aos 5 anos para possivelmente começar a se considerar a anáfora, mas as crianças de 5 e 6 anos ainda não fazem isso majoritariamente: elas ora olham para o verbo, ora olham para a anáfora.

Dado que as crianças de 6 anos comportaram-se de forma análoga às crianças de 5 anos, os dados aqui analisados indicam que a aquisição de ‘ele mesmo’ é bastante tardia. Tal resultado também foi obtido

nos estudos de Jakubowicz e de Gülzow e Roeper. Jakubowicz reporta que a última idade testada por ela, 5;11, ainda apresenta resultados bem distantes dos dos adultos. O mesmo reporta Gülzow e Roeper. Observa-se, no entanto, que a estratégia utilizada pelas crianças alemãs (de se guiar pela semântica do verbo) não foi empregada pelas crianças brasileiras mais velhas, de 5 e 6 anos, que escolheram as figuras de forma randômica.

O fato de o verbo ser reflexivo ou recíproco é compreendido pelas crianças. Isso pode ser constatado pelo relativo sucesso que elas obtêm com o ‘se’ nos dois tipos de verbo. A dificuldade surge de fato com ‘ele mesmo’. As crianças parecem não conhecer seu significado e ficam confusas na hora de usá-las. A questão que se deve colocar, então, é: por que tal aquisição é tão tardia? O primeiro aspecto a se notar é que ‘ele mesmo’ é formado por um pronome mais um adjetivo, que varia em gênero e número. Aprender que, quando se combina os dois, a expressão formada dá origem a uma expressão reflexiva requer exposição aos dados. Tal aquisição leva tempo, como se pode constatar pelas baixas taxas de acerto até para as crianças de 6 anos.

Além disso, considerando que ‘ele mesmo’ pode ser usado em construções que envolvem questões pragmáticas relacionadas a restrições de proeminência e imprevisibilidade, que não estão presentes em ‘se’, especula-se que esteja aí mais uma razão para tal atraso. Assume-se que a aquisição de aspectos pragmáticos é, muitas vezes, mais tardia que a aquisição de aspectos sintáticos. Dado que ‘ele mesmo’ é regido por restrições semântico/pragmáticas e que ‘se’ é regido apenas por um princípio sintático, o fato de ‘se’ ser adquirido antes não é surpreendente.

4. CONCLUSÃO

Nesse trabalho, apresentaram-se evidências de que a aquisição da expressão ‘ele mesmo’ é tardia em PB: mesmo as crianças de 6 anos não tiveram comportamento adulto. Deparados com a tarefa de escolher entre uma ação reflexiva ou recíproca quando ouviam sentenças com ‘ele mesmo’, as crianças responderam de modo aleatório, ora escolhendo a ação reflexiva (correta) ora escolhendo a ação recíproca.

Com relação ao ‘se’, as crianças de 5 e 6 anos obtiveram boas taxas de comportamento adulto, escolhendo a figura de acordo com a semântica do verbo. As crianças de 4 anos obtiveram resultados um pouco inferiores, mas mesmo assim ainda melhores do que os seus resultados para ‘ele mesmo’. Observou-se que esse contraste entre a aquisição de ‘se’ por um lado e ‘ele mesmo’ por outro pode se dever ao fato de que ‘se’ é uma forma neutra, que não envolve aspectos de proeminência ou contraste. Além disso, ‘se’ é regido pelo princípio A da teoria de ligação. Sendo um princípio sintático, ele seria adquirido mais cedo. Já ‘ele mesmo’ é uma expressão enfática, regida por princípios semântico/pragmáticos. Sugeriu-se que pode residir nesse fato a causa para tal aquisição tardia.

Esses resultados corroboram conclusões obtidas anteriormente tanto para o PB como para outras línguas: em se tratando de aquisição de expressões anafóricas, a aquisição de aspectos sintáticos é anterior à aquisição de aspectos pragmáticos.

REFERÊNCIAS

- Baker, C. 1995. Contrast, Discourse Prominence, and Intensification, with Special Reference to Locally Free Reflexives in British English. *Language* 71: 63-101.
- Bertolino, K. e Grolla, E. 2012. O pronome 'ele' está sujeito ao princípio B? Uma discussão sobre resultados experimentais. In *Revista LinguiStica* 8.
- Chien, Y.-C. & K. Wexler. 1990. Children's knowledge of locality conditions in binding as evidence for the modularity of syntax and pragmatics. *Language Acquisition* 1:225-295.
- Chomsky, N. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. 1986. *Knowledge of Language, its Nature, Origin, and Use*. New York: Praeger.
- Grodzinsky, Y. & G. Kave. 1993. Do Children Really Know Condition A? *Language Acquisition* 3:41-54.
- Grolla, E. 2010. Remarks on the Acquisition of Intensified Proforms in Brazilian Portuguese. In: *Papers in Psycholinguistics. Proceedings of the First International Psycholinguistics Congress, an activity of Anpoll's Psycholinguistics Work Group*, p. 75-90. Eds. Aniela Improta França e Marcus Maia.
- Grolla, E. 2011. The Acquisition of Contrastive and Non-contrastive Anaphoric Forms in Brazilian Portuguese. In: *Selected Proceedings of the 4th Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North America*. Somerville, MA, USA: Cascadilla Proceedings Project, p. 78-89. Home page: [<http://www.lingref.com/cpp/galana/4/index.html>]. Eds. Mihaela Pirvulescu, Maria Cristina Cuervo, Ana T. Pérez-Leroux, Jeffrey Steele e Nelleke Strik.
- Grolla, E. 2012. Locality and C-command: The Acquisition of Principle A in Brazilian Portuguese. In: *Selected Proceedings of the Romance Turn IV Workshop on the Acquisition of Romance Languages*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, p. 153-168.
- Gülzow, I. & T. Roeper. 2007. Reciprocals and Reflexives in German and English Child Language. Ms.
- Jakubowicz, C. 1994. Reflexives in French and Danish: Morphology, Syntax, and Acquisition. In *Binding, Dependencies, and Learnability*. Hillsdale. Lawrence Erlb.: 115-144.
- McDaniel, D., & T. Maxfield. 1992. Principle B and Contrastive Stress. *Language Acquisition* 2: 337-358.
- McDaniel, D., H. Cairns & J. Hsu. 1990. Binding Principles in the Grammars of Young Children. *Language Acquisition* 1: 121-138.
- Zribi-Hertz, A. 1989. Anaphor binding and Narrative point of view: English reflexive pronouns in sentence and discourse. *Language* 65: 695-727.
- Zribi-Hertz, A. 1990. *Lui-même* argument et le concept de pronom A. *Langages* 97: 100-127.
- Zukowski, A., R. McKeown, & J. Larsen. 2008. A Tough Test of the Locality Requirement for Reflexives. *Proceedings of BUCLD* 32: 586-597.